

Rainer Maria Rilke

Tradução: Carlos R. Monteiro de Andrade

Arquiteto e Sociólogo, professor doutor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, Av. Trabalhador Sancarlense, 400, Centro, CEP 13566-590, São Carlos, SP, (16) 3373-9822, candrade@sc.usp.br

La Fenêtre*

I

N'est-tu pas notre géometrie,
fenêtre, très simple forme
qui sans effort circoncris
notre vie énorme ?

Celle qu'on aime n'est jamais plus belle
que lorsqu'on la voit apparaître
encadrée de toi; c'est, ô fenêtre,
que tu la rends presque éternelle.

Tous les hasards sont abolis. L'être
se tient au milieu de l'amour,
avec ce peu d'espace autour
dont on est maître.

II

Fenêtre, toi, ô mesure d'attente,
tant de fois remplie,
quand une vie se verse et s'impatiente
vers une autre vie.

Toi qui sépares et qui attirres,
changeante comme la mer, -
glace, soudain, où notre figure se mire
mêlée à ce qu'on voit à travers;

échantillon d'une liberté compromise
par la présence du sort;
prise par laquelle parmi nous s'égalise
le grand trop du dehors.

A Janela

I

Não és tu nossa geometria,
janela, tão simples forma
que sem esforço delimita
nossa vida enorme ?

Aquela a quem se ama nunca é tão bela
como quando a vemos surgir
enquadrada por ti; é que, ó janela,
tu a tornas quase eterna.

Todos os acasos são abolidos. O ser
permanece no meio do amor,
com este pouco espaço ao redor
do qual se é senhor.

II

Janela, tu, ó medida de espera,
tantas vezes preenchida,
quando uma vida se esvai e se desespera
para uma outra vida.

Tu que separas e que seduzes,
cambiante como o mar, -
espelho, repentino, onde nossa imagem se mira
mesclada ao que se vê através dela;

amostra de uma liberdade comprometida
pela presença da sorte;
tomada pela qual entre nós se igualiza
a grande sobra do lá fora.

* Poema número 50 do livro "Vergers" ("Vergéis" ou "Pomares", ou ainda "Jardins"), escrito em 1924, quando Rilke habitava o castelo Muzot, na região suíça de Valais.

Redigidos em francês, segunda língua do poeta (a primeira era o alemão, embora nascido em Praga), encontramos Rilke em plena maturidade, dois anos antes de sua morte por leucemia naquele cantão alpino, às margens do Ródano, onde foi enterrado.

O poeta encontrava-se, apesar da doença, em uma etapa serena de sua vida turbulenta. O amor a Salomé, seu envolvimento com Rodin e sua errância já não o atormentavam. É assim que "Jardins" inicia com o verso "Esta noite meu coração faz cantar" e Rilke canta até sua voz e pena repousarem aos 29 de dezembro de 1926, com 51 anos de idade.

Neste poema em que mais uma vez tematiza a janela, esse elemento arquitetônico que divide culturas, separa o público do privado e é fronteira do olhar íntimo ou devasso, Rilke é preciso em suas rimas. Nem sempre conseguimos uma solução

III

Assiette verticale qui nous sert
la pitance qui nous poursuit,
et la trop douce nuit
et le jour, souvent trop amer.

L'interminable repas,
assaisonné de bleu –
il ne faut pas être las
et se nourrir par les yeux.

Que de mets l'on nous propose
pendant que mûrissent les prunes;
ô mes yeux, mangeurs de roses,
vous allez boire de la lune !

III

Prato vertical que nos serve
a subsistência que nos persegue,
e a tão doce noite
e a tarde, quase sempre muito amarga.

A refeição interminável,
temperada de azul –
não é preciso estar fatigado
e se alimentar pelos olhos.

Quantas conservas nos são oferecidas
enquanto amadurecem as ameixas;
ó meus olhos, comedores de rosas,
ides beber da lua !